

SURGIMENTO E CONSTITUIÇÃO DO MDB E ARENA NA CIDADE DE PICOS

Autor: Jailson Dias¹

RESUMO

No dia 31 de março de 1964 os militares brasileiros deram um golpe quebrando a ordem constituída e instaurando um regime de exceção que perduraria pelos 21 anos seguintes. Mas a ditadura militar brasileira seguiu um viés burocratizado, com a manutenção do Congresso Nacional, ainda que sem poderes, e duas legendas: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), situacionista, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição. Com isso, o presente trabalho busca estudar como aconteceu a constituição das duas siglas na cidade de Picos (MDB e ARENA), estado do Piauí, e quais foram grupos que deram sustentação a essas legendas e, ainda, se o golpe de 1964 alterou a vida política local, ou seja, a sua cultura política picoense. Para tanto, não buscou-se apenas fontes documentais para o levantamento desses dados, mas, também, a utilização da metodologia da história oral, conseguindo, assim, as impressões das pessoas que viveram aquele momento histórico.

Palavras-chave: MDB, ARENA, Ditadura, Golpe, Política.

ABSTRACT

On March 31 1964 the Brazilian military staged a coup breaking the established order and establishing a regime of exception that would last the next 21 years. But the Brazilian military dictatorship followed a bureaucratic bias, with the maintenance of the National, although Congress powerless, and two legends: the National Renewal Alliance (ARENA), situationist, and the Brazilian Democratic Movement (MDB), opposition. Thus, this paper seeks to explore how the creation happened these two acronyms in the city of Picos, Piaui, and what were the groups that have supported these legends and also the 1964 coup changed the local political life, or is, its political culture. To this end, we sought not only documentary sources for these survey data, but also the use of the methodology of oral history, thus getting the impressions of people who lived that historic moment.

Keywords: MDB, ARENA, Dictatorship, Strike, Politics.

INTRODUÇÃO

A política nacional brasileira durante o século XX foi marcada pela instabilidade com uma sucessão de golpes de estado que impediam a continuidade de governos democráticos. Após 15 anos à frente dos destinos da nação, o presidente Getúlio Dornelles Vargas foi obrigado a convocar novas eleições. Em seguida foi deposto pelos mesmos militares que o haviam ajudado a instaurar um

¹ Jornalista formado pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campos de Picos. Historiador formado pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus de Picos. Especialista em marketing e jornalismo político pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEMP) de Teresina. Atualmente é jornalista no jornal e portal Folha Atual e leciona história da comunicação e comunicação comunitária na Faculdade.SÁ de Picos.

regime ditatorial, frisando o Estado Novo. Essa ação dos militares, contudo, não foi independente. Ao concluírem que o presidente pretendia se perpetuar no poder com mais um golpe, os políticos da recém-formada União Democrática Nacional (UDN), partido surgido para fazer oposição a Vargas, recorreram ao Exército, dando o tom de uma prática que se perpetuaria pelos anos seguintes até a instauração do regime militar em 1964.

Em 21 de setembro, a UDN inaugurou a prática, comum em suas fileiras durante os 19 anos seguintes, de recorrer às Forças Armadas para a resolução de seus próprios problemas políticos. O secretário-geral do partido, em carta ao general Góis Monteiro, “pediu garantias indispensáveis à liberdade do pleito”.²

Os militares atuaram ao longo do período democrático de 1946-1964 mediando as contendas entre os partidos políticos brasileiros. O Exército brasileiro desempenharia assim uma espécie de poder moderador.³ Esse medo da instauração de um regime semelhante ao existente na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) motivou setores civis a também participarem do golpe perpetrado pelos militares em 1964 instaurando uma ditadura que perduraria por 21 anos

Levantando-se essa breve informação sobre um dos períodos mais apaixonantes da história brasileira volta-se para o foco deste trabalho acadêmico: como se deu a organização dos dois partidos políticos verificados durante o regime militar: Aliança Nacional Libertadora (ARENA), de sustentação a ditadura, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB)⁴, de oposição aos militares, em Picos.

A cidade de Picos era marcada por uma cultura política⁵ clientelista, como acontecia em todo o estado do Piauí. Assim, foi possível elucidar, através da metodologia da história oral e da pesquisa em atas da Câmara Municipal, que o

² Ver: FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

³ Instituído por Dom Pedro I na Constituição de 1824 o Poder Moderador tinha a função de mediar as ações dos demais poderes. Ver: FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

⁴ GRINBERG, Lucia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

⁵ Por cultura política entende-se o conjunto de práticas que caracterizam a busca pelo poder em determinada região. Para mais informações: BERSTEIN, Serge. *A Cultura Política*. In. : Para uma história cultural. RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. Editorial Estampa: Lisboa, 1998, p. 349 – 363.

golpe e a tomada de poder a nível nacional não possuíram grande repercussão na cidade, reinando o silêncio e a aceitação, embora isso não queira dizer que o picoense fosse apolítico, pelo contrário, agiam como cidadãos de qualquer urbe que pleiteiam a liderança política.

1. Antecedentes do bipartidarismo e cultura política em Picos

Enquanto as disputas eleitorais pelo governo do Piauí mostravam-se tensas e marcadas pelo revezamento dos partidos no poder, em Picos a UDN reinou absoluta de 1948 a 1962⁶, sempre conseguindo eleger o prefeito e a maioria na Câmara Municipal. Nesse período a cidade possuía mais três partidos, o Partido Social Democrático (PSB), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Progressista (PSP). O PSD se constituía no principal adversário dos udenistas, mas não conseguia vencer as eleições para o principal cargo do município.

É importante entender que os partidos políticos terminavam por desempenhar um papel secundário na cultura política picoense das décadas de 1940, 1950 e 1960, importando muito mais a ligação aos grupos políticos. Estes grupos eram comandados por famílias poderosas que até hoje possuem influência na cidade: Nunes de Barros, Baldoíno, Dantas Eulálio, Araújo Luz.

Apesar da pouca bibliografia existente da época as 19 entrevistas realizadas para este trabalho científico mostram que os eleitores permaneciam sob as ordens dos líderes políticos, votando de acordo com a indicação dos mandatários em troca de favores, emprego, medicamentos, tecidos, qualquer presente ou brinde que lhes garantisse uma vantagem imediata. Dessa forma, a compra e venda de votos era enxergada com naturalidade pela população. Pode-se entender que não havia nenhuma espécie de coação para com essa prática que nos dias atuais é plenamente condenável por todos os setores da sociedade.

2. A Câmara Municipal de Picos e o golpe de 1964

Com a renúncia do presidente Jânio Quadros e a posse do vice-presidente João Goulart, que assumiu apenas por ter reconhecido o parlamentarismo como

⁶ Na ordem: Celso Eulálio (1948), Justino Luz (1951), Helvídio Nunes de Barros (1955), Justino Rodrigues da Luz (1959), João de Deus Filho (1963). Todos filiados a UDN. Ver: LAVÔR, Osvaldo. *Poesias & Políticos*. 2º Ed. Gráfica e Editora Brito. Picos, 2006.

forma de governo, a situação no Brasil ficou realmente tensa. Em 1963 um plebiscito garantiria o presidencialismo como forma de governo, fortalecendo o presidente, mas os problemas não chegariam ao fim. O temor de que João Goulart fosse comunista levaria militares e setores mais reacionários da sociedade civil a nunca aceita-lo na chefia democrática do país. Apesar de tanta tensão e, ao contrário do que acontece atualmente, não havia discursos ou manifestações na Câmara Municipal de Picos sobre assuntos nacionais de grande relevância. Na realidade as atas da Câmara Municipal de Picos mostram que os principais “debates” da época giravam em torno de bodes, cercas e pavimentação poliédrica de ruas.

Ainda muito jovem, mas desde cedo interessado em política, José Eulálio Martins⁷ esclarece o porquê de atas tão limitadas em conteúdo:

Tinha algum discurso, mas a maioria dos vereadores, 90% da Câmara, 80% da Câmara, como se diz... não era versada em oratória, só fazia o que o prefeito dizia. As sessões duravam pouco tempo, era só sentado ali, já estava tudo no ponto, papai era o secretário da Câmara, já estava tudo pronto, só faziam preencher⁸.

Apesar de não haver manifestação por parte dos vereadores sobre os acontecimentos nacionais, a população sabia e comentava discretamente o clima de instabilidade política. A grande maioria soube do golpe de 1964 através da Rádio Globo, mais ouvida. Os líderes políticos, destacando Helvídio Nunes de Barros e Severo Maria Eulálio também informavam e traduziam os acontecimentos para a população. Não há registro de que tenha havido nenhuma manifestação por parte da população contra o golpe. Esta tomou conhecimento e o aceitou.

Os vereadores reuniram-se no dia 06 de março de 1964, portanto, um mês antes do golpe, quando a política nacional já fervilhava. Nesse único dia os parlamentares lavraram quatro atas, correspondentes a sexta, sétima, oitava e nona sessões ordinárias referentes ao segundo ano da quinta legislatura. Os debates giraram em torno de temas de menor relevância, estavam em pauta assuntos locais como os balancetes da gestão do prefeito João de Deus Filho (UDN). Nos escritos

⁷José Eulálio Martins, mais conhecido por Zé de Emir era filho de Emir Maia Martins, advogado rábula por mais de 50 anos. O nome Emir Maia Martins adorna o auditório da Subsecção da OAB de Picos. Além de advogado Emir Maia Martins foi vereador entre 1977-1983. Antes disso ele secretariou a Câmara Municipal de Picos, organizando os procedimentos burocráticos como as atas, daí o conhecimento de José Eulálio Martins sobre o que se passava naquela casa.

⁸ EULÁLIO, José. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

da nona sessão os vereadores apenas a teriam aberto e “não havendo nada a tratar declararam por encerrada a sessão”⁹.

Após a reunião de 06 de março os vereadores voltariam ao plenário da Câmara Municipal no dia 03 de abril de 1964, portanto, três dias após o golpe. Participaram dessa sessão os vereadores: Isaac Batista de Carvalho, Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues, Antônio José de Araújo Gomes, Raimundo de Sá Urtiga e Ulisses Ribeiro da Silva. Nesse único dia foram lavradas três atas correspondentes a três sessões, sem discussões mais relevantes. Nestas, constavam que os vereadores estavam mais ocupados debatendo projetos de autoria do Poder Executivo que em nada tinham a ver com política, como sugere o trecho:

Um, que fica proibido o criatório de caprinos e ovinos em toda a fazenda Curralinho, deste município, compreendendo os lugares Curralinho, Serra do Tanque e Morro Redondo. Outro que abre no orçamento vigente crédito especial no valor de Cr\$ 24.000,00 para o pagamento de alugueis do prédio que serve de sede da Companhia CP-4, da Polícia Militar do Piauí¹⁰.

Dessa forma não houve nenhuma espécie de manifestação sobre a mudança de orientação política no país. Quanto à tensa movimentação política verificada nas esferas mais elevadas de poder, nenhuma menção.

Por esse momento em especial pode-se entender a importância da história oral. Um pesquisador que viesse a ater-se apenas as atas da Câmara Municipal poderia deduzir, diante do silenciamento daquela casa, que o golpe militar não representou nenhum impacto para os moradores da cidade uma vez que o legislativo deveria refletir os anseios da população que representa, mas os relatos coletados junto as pessoas que viveram o período turbulento, que foram testemunhas oculares dos acontecimentos, mostram algo diferente. Mesmo sem as reações civis, como verificadas em outros pontos do país, o medo foi uma característica do cotidiano dos picoenses que também estavam inteirados do que estava acontecendo nacionalmente. Esse fenômeno e a compreensão da dinâmica,

⁹ ATA DA 9ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO 3º ANO DA QUINTA LEGISLATURA. Realizada no dia 06/03/1964. Picos-PI. LIVRO Nº 03: ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA, DE 02/10/1957 A 19/10/1965, p.154. Digitalizado em 2012, arquivo da Câmara Municipal de Picos.

¹⁰ ATA DA 9ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO 3º ANO DA QUINTA LEGISLATURA. Realizada no dia 06/02/1964. Picos-PI. LIVRO Nº 03: ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA, DE 02/10/1957 A 19/10/1965, p.154. Digitalizado em 2012, arquivo da Câmara Municipal de Picos.

ou ausência dela, na Câmara Municipal de Picos puderam ser evidenciados através dos relatos coletados oralmente.

3. Surge o MDB e a ARENA

Ao longo de todas as entrevistas realizadas para a produção desse trabalho científico, pode-se entender que as reorganizações partidárias foram muito previsíveis. Uma vez que a família Nunes de Barrosera a principal representante da UDN na cidade de Picos, foi quase “natural” a sua adesão pela ARENA, conforme aconteceu estadualmente sob a orientação de Petrônio Portela. As famílias agregadas àquela sigla receberam a informação determinada pelo poder central do partido de que deveriam aderir a Aliança Renovadora Nacional. Os entrevistados não elucidam a realização de debates ou qualquer forma de discussão, a aceitação parece ter sido tranquila, pouco traumática e relativamente simples, uma vez que bastava assinar o livro de atas para estar devidamente filiado. Os olhos continuavam voltados para os acontecimentos locais sobremaneira, observando o que o grupo adversário faria¹¹.

Como já havia ocorrido um “racha” entre as famílias Eulálio e Nunes de Barros ainda na década de 1950, a tendência foi manter essa separação no novo regime. Os motivos para a divisão dos dois grupos familiares é explicada pelo professor Inácio Baldoíno¹²¹³ como uma luta por espaço na política local.

É preciso entender que, inicialmente as duas famílias Nunes de Barros e Eulálio eram unidas, ocorrendo essa divisão logo após o fim do governo de Celso Eulálio (1948-1952), quando parte da família Eulálio migrou para o recém fundado PTB. Outra família influente, os Moura Santos sempre foram oposição aos nomes citados anteriormente, mas depois dos acontecimentos, a família Eulálio se dividiu entre si, um grupo participou da fundação do PTB no município de Picos, pela questão da incompatibilidade política e a outra permaneceu na UDN sob a liderança de Urbano Eulálio. Com interesses conflitantes acharam por bem se dissociar.

¹¹ Para José Eulálio Martins a escolha pelo MDB foi natural uma vez que o grupo político de Helvídio Nunes, por pertencer a UDN, se apropriou da ARENA. Por serem adversários ele relata que era comum observar quais os passos dos políticos do outro grupo. Ver: EULÁLIO, José. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

¹² Professor aposentado Inácio Baldoíno exerceu o cargo de vereador na cidade de Picos durante as décadas de 1980 e 1990.

¹³ BALDOÍNO, Inácio. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), agosto de 2012.

Quando do surgimento das duas novas legendas no regime militar, os rivais, que durante décadas lutaram pela hegemonia política da região, aliaram-se, em mais uma ironia da história. Os Santos e Eulálios passariam a compor o Movimento Democrático Brasileiro - MDB, e a partir de então, nenhum político com os sobrenomes citados deixaria o Movimento, nem quando de sua transformação em Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) no ano de 1981.

Testemunha dos acontecimentos José Ribamar de Macedo¹⁴ afirma ter tomado conhecimento do golpe militar no exato dia em que este aconteceu: “Quando foi no dia 1º de abril nós sabíamos que havia acontecido um golpe militar”¹⁵. Ele explica ter recebido a informação através da Rádio Globo, que acompanhava assiduamente. Com apenas 25 anos de idade na época, ele declara não ter simpatizado com a ação dos militares, e como já simpatizava com o antigo PSD, sua adesão ao MDB foi, segundo este, natural. Em seu depoimento, José Ribamar conta que foi convidado para integrar o Movimento pelo próprio deputado estadual Severo Maria Eulálio¹⁶, que andava com um livro de atas procurando assinaturas de simpatizantes da nova agremiação, além de, é claro, dos seus correligionários do já extinto PTB. Como principal liderança do PTB de então, Severo Eulálio articulou a fundação da nova agremiação contando com João de Moura Santos, Waldemar de Moura Santos, Francisco Rodrigues Bezerra, Urbano Eulálio e do ex-prefeito Celso Eulálio. Ao que parece, diferentemente do que ocorreu nacionalmente¹⁷, não houve dificuldades para se fundar o Movimento Democrático na cidade de Picos. José Ribamar explica como se deu a sua adesão a nova agremiação: “Eu era um pouco radical, não aceitei bem a revolução e fiquei no Movimento Democrático Brasileiro”¹⁸.

¹⁴ José Ribamar de Macedo tinha 25 anos quando se filiou ao MDB e desde então nunca mudou de legenda. Ele é o atual presidente do Diretório Municipal do PMDB de Picos. Sempre foi comerciante e participante entusiasta da política, mas jamais exerceu cargo eletivo.

¹⁵ MACEDO, José Ribamar. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

¹⁶ Nome maior do MDB na cidade de Picos Severo Maria Eulálio chegou a exercer o cargo de deputado federal entre 1970 e 1974. Em 1976 ele foi eleito prefeito de Picos, mas não concluiu o mandato falecendo vítima de trágico acidente no ano de 1979. Para mais informações ver: LAVÔR, Osvaldo. *Poesias & Políticos*. 2º Ed. Gráfica e Editora Brito. Picos, 2006.

¹⁷ Grinberg aponta que houve uma grande dificuldade nas esferas federais para a composição do MDB. Os militares teriam convidado políticos interessados em ingressar na ARENA a aderir ao MDB, temendo o risco desse partido não vingar. Parecia realmente importante para o novo regime contar com uma oposição, consentida. Ver: GRINBERG, Lucia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

¹⁸ MACEDO, José Ribamar. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

Assim como aconteceu nacionalmente, nem todos os integrantes do PSD aderiram a UDN, houve alguns filiados que preferiram seguir a ARENA, agindo contrariamente ao que fizeram os seus líderes.

Uma parte do PSD, Dr. João de Moura Santos, Dr. Severo que era do antigo PTB ficou ao lado do MDB, e nós seguimos, houve as dissidências, uns enveredaram pela ARENA, e outros ficaram com o MDB¹⁹.

Apenas a localização da ata de fundação do partido tornaria possível saber quais os nomes dos dissidentes. Como esses livros de atas não foram encontrados, os nomes permanecem no anonimato. Já os livros de atas da Câmara Municipal de Picos estão disponíveis, juntamente com a pequena bibliografia verificada na cidade. Por eles descobre-se que os vereadores seguiram a orientação de seus líderes, e, pelo menos no legislativo local, não ocorreram dissidências. O depoimento prestado por José Ribamar vai de encontro ao que aponta Grinberg quanto às dissidências políticas dentro do PSD. Por muitos anos chegou-se a dizer que apenas a UDN teria formado a ARENA.

Durante a ditadura, a Arena sempre foi associada diretamente à UDN, e o MDB ao PSD. Tancredo Neves, em uma entrevista, referiu-se ao regime como um “Estado Novo da UDN”. Mas essa imagem reproduzida por pessedistas filiados ao MDB silencia sobre o pessedismo que apoiou o movimento de 1964 e que imigrou para a ARENA. Ao longo da existência da Arena, havia realmente uma disputa compartilhada quer pelos membros da antiga UDN, agora na Arena, quer pelos membros do extinto PSD, então no MDB. No entanto, a Arena era formada, de fato, tanto por udenistas quanto por pessedistas.²⁰

Como as grandes famílias já eram bastante influentes, com parentes lotados em altos cargos federais, e possuidores de formação intelectual elevada, conseguida em boas universidades país afora, foi uma consequência política a manutenção do poder na cidade e a conquista da fidelidade dos eleitores que recebiam os pequenos favores e presentes como atitudes de grande benevolência. José Ribamar, comerciante por vocação, profissão que inicialmente não permitia granjear altos cargos públicos em Picos, revela que sempre amou a política, mas nunca teria ansiado disputar um cargo público. Também não teria sido convidado para tal,

¹⁹Ibidem.

²⁰ GRINBERG, Lúcia. Op. cit. p.27.

podendo ser visto como um importante apoio de bastidores. Ele faz um interessante desabafo sobre as lideranças locais:

Sempre as famílias que tinham influência política aqui são as mesmas de hoje, da ARENA: Helvídio Nunes de Barros e sua família, os Baldoínos. Do lado do MDB: João de Moura Santos, Waldemar de Moura Santos, Severo Maria Eulálio, Urbano Maria Eulálio, Celso Eulálio²¹.

É notório que a opinião de José Ribamar tem uma interessante percepção da atuação política na região, uma vez que alguns dos representantes políticos estaduais de hoje possuem os mesmos sobrenomes do passado. Uma breve analogia sobre as famílias permite saber que o atual deputado estadual Warton Santos é neto do Coronel Francisco Santos, que governou a cidade e cuja influência na primeira metade do século XX era inquestionável. Já o atual prefeito de Picos, Kleber Eulálio é filho de Severo Eulálio, que era sobrinho de Celso Eulálio, importante figura política no início dos anos 1950²².

No entanto, apesar da intensa militância dos nomes citados até aqui, a presidência do MDB, que hora surgia na cidade coube a Lourival Leopoldino Dantas, aliado de primeira hora de Severo Eulálio. Lourival Leopoldino Dantas Jamais exerceu nenhum cargo eletivo, mas, segundo as informações de José Ribamar, permaneceu na presidência do MDB desde sua fundação em 1966 até 1979, quando os militares decretaram o fim do bipartidarismo, ou seja, por aproximadamente 13 anos.

Vale destacar aqui o papel do presidente dos movimentos políticos existentes na cidade de Picos durante o período estudado²³. Constituem-se em pessoas realmente interessadas na vida pública, mas sem aspirações eleitorais, atuando como verdadeiros escudeiros dos nomes aos quais tinham orgulho em seguir. Segundo as recordações de José Ribamar, as reuniões entre os correligionários aconteciam principalmente durante o período eleitoral, assim, Severo Eulálio poderia deixar uma pessoa de sua confiança a frente dos negócios locais do MDB.

²¹ MACEDO, José Ribamar. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

²² Idem.

²³ Na realidade, até os dias atuais podemos enxergar figuras políticas que desempenham um papel meramente decorativo, sem maior poder dentro da legenda.

Quanto a ARENA, Brandão afirma “foi um partido imbatível no Piauí”²⁴ contando com um grande número de filiados que obrigou ao surgimento das sublegendas, como forma de agregar os inúmeros interesses, muitas vezes conflitantes, que envolviam o partido. Grinberg aponta que a ARENA foi o maior partido ocidental, e o Piauí viria a constituir uma forte base política dessa agremiação, que se manteria com suas dissidências futuras, de PDS (Partido Democrático Social) e PFL (Partido da Frente Liberal). Enquanto todos os arranjos políticos eram feitos estadualmente contando sobremaneira com a participação de Helvídio Nunes de Barros²⁵, este, seguindo a orientação de seu líder, Petrônio Portela, tratou de organizar a Aliança Renovadora no município de Picos, tornando-se o seu primeiro presidente. O professor Antônio Barros Araújo, advogado, começaria a ter sua participação, mas sem poder rivalizar com o primeiro, uma vez que, na realidade, eram amigos e parentes. Ex-presidente regional da UDN, Helvídio tratou para que todos os seus correligionários aderissem à nova legenda.

Por estar devidamente inserido na política estadual, como deputado estadual, e escolha direta de Petrônio Portela, Helvídio Nunes ocuparia logo em seguida o Governo do Estado, o primeiro Governador do Piauí nomeado após o movimento de 1964. A sua vinda a cidade, no entanto, era constante, sempre quando das reuniões que ocorriam em sua casa, localizada na praça Justino Luz, próxima a Igreja Nossa Senhora dos Remédios.

O que é certo, e pode-se chegar a essa conclusão através dos aspectos estudados até aqui, é que não havia uma grande diferença no perfil dos filiados a ARENA e ao MDB, profissionais liberais, acadêmicos, agricultores, comerciantes, poucos demonstravam interesse na questão ideológica com os olhos sempre voltados para a forma de fazer política localmente e historicamente instituída. O depoimento de Erasmo Albano²⁶ elucida bem isso, uma pessoa que se filiou ao MDB, mas nutria clara simpatia pelos presidentes marechais e gerais. Se havia alguma simpatia pelas duas legendas, nunca é demais lembrar que a importância delas na historiografia nacional é subestimada, uma vez que o regime não se furtava a cassar mandatos, ou fechar o Congresso Nacional quando bem o quisesse.

²⁴Ver: BRANDÃO, Wilson. Op. cit.

²⁵ Exerceu dezenas de cargos públicos: prefeito de Picos, deputado estadual, secretário de estado, governador e senador por duas ocasiões, uma delas nomeado pela ditadura militar.

²⁶Erasmo Leopoldo Albano foi vereador de um mandato, entre 1967-1970. Ele integrou o MDB e declarou ter trabalhado pela eleição de Oscar Eulálio, que governou Picos no mesmo período. Erasmo Albano abandonaria a política partidária ao fim do seu mandato.

A partir do que foi estudado é possível entender que não havia tanta diferença entre as legendas MDB e ARENA em nível local, contando principalmente a participação das famílias políticas, dessa forma a adesão a essas duas agremiações em Picos ocorreu de forma pouco traumática para aqueles que militavam na política local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho foi possível elucidar inúmeros fatos que caracterizam a política picoense, sabendo que as práticas adotadas hoje vêm sendo utilizadas há muito tempo pelos líderes que precederam os atuais. Picos possuía, portanto, uma política clientelista e elitista, amparada no paternalismo de seus líderes que utilizavam-se de pequenos favores para se perpetuar nas posições de mando junto a

maioria, havendo em muitas ocasiões subserviência quanto aos “chefes políticos”²⁷, que por sua vez, estavam alçados a posições de mando, principalmente por pertencer a uma das três famílias tradicionais: Nunes de Barros, Eulálio e Santos.

Também foi possível entender que a fidelidade às famílias estava acima da fidelidade aos partidos, as práticas políticas não mudaram com a instauração de um regime ditatorial no país, a compra de votos e a troca de favores se perpetuou, e ainda hoje muitos entendem isso como uma forma legítima de fazer política.

O presente trabalho poderá servir como um ponto de referência para que futuros acadêmicos possam se enveredar pela história política do município de Picos, a certeza de que ainda há muito o que ser estudado para que a história local venha à luz. Cabe aproveitar as presenças daqueles que fizeram a política no passado, entrevistando-os, na certeza de que as suas memórias em muito podem contribuir para um futuro mais claro e digno para todos que buscam o conhecimento como ponto referencial para as suas vidas.

²⁷ Expressão utilizada por alguns dos entrevistados para designar as lideranças políticas, dentre eles José Ribamar Macêdo.

6. REFERÊNCIAL:

Fontes Orais:

ALBANO, Erasmo Leopoldo. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), agosto de 2012.

BALDOÍNO, Inácio. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), agosto de 2012.

COSTA, Osvaldo. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

COSTA, Teresa Leda Luz. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), agosto de 2012.

EULÁLIO, José. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

EULÁLIO, Oscar. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), outubro de 2011.

LUZ, Sebastião. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

MACEDO, José Ribamar. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), fevereiro de 2013.

REINALDO, Euvaldo Santos. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), agosto de 2012.

ROCHA, Oneide. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), janeiro de 2013.

RUFINO, Olívia. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), outubro de 2011.

URTIGA, Raimundo de Sá. *Depoimento concedido a Jailson Dias de Oliveira*. Picos (PI), agosto de 2012.

Fontes Escritas: Atas, Leis, Abaixo-assinados, Poesias, Projeto-Lei e Requerimentos:

ATA DA 7ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO 3º ANO DA QUINTA LEGISLATURA. Realizada no dia 06/03/1964. Picos-PI. LIVRO Nº 03: ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA, DE 02/10/1957 A 19/10/1965, p.152. Digitalizado em 2012, arquivo da Câmara Municipal de Picos.

ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO 3º ANO DA QUINTA LEGISLATURA. Realizada no dia 06/03/1964. Picos-PI. LIVRO Nº 03: ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA, DE 02/10/1957 A 19/10/1965, p.154. Digitalizado em 2012, arquivo da Câmara Municipal de Picos.

ATA DA 9ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO 3º ANO DA QUINTA LEGISLATURA. Realizada no dia 06/03/1964. Picos-PI. LIVRO Nº 03: ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA, DE 02/10/1957 A 19/10/1965, p.154. Digitalizado em 2012, arquivo da Câmara Municipal de Picos.

ATA DA 10ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO 3º ANO DA QUINTA LEGISLATURA. Realizada no dia 03/04/1964. Picos-PI. LIVRO Nº 03: ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA, DE 02/10/1957 A 19/10/1965, p.155. Digitalizado em 2012, arquivo da Câmara Municipal de Picos.

ATA DA 11ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO 3º ANO DA QUINTA LEGISLATURA. Realizada no dia 03/04/1964. Picos-PI. LIVRO Nº 03: ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA, DE 02/10/1957 A 19/10/1965, p.156. Digitalizado em 2012, arquivo da Câmara Municipal de Picos.

ATA DA 12ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO 3º ANO DA QUINTA LEGISLATURA. Realizada no dia 03/04/1964. Picos-PI. LIVRO Nº 03: ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA, DE 02/10/1957 A 19/10/1965, p.156. Digitalizado em 2012, arquivo da Câmara Municipal de Picos.

Artigos, Dissertações, Livros e Monografias:

AARÃO REIS Filho, Daniel. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ÁIRES, Demetrio; Dias Jailson. *A comunicação dos líderes políticos entre as décadas de 1950 e 1970 na cidade de Picos*. UESPI, 2006.

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano (org.). *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Picos-PI: Gráfica e Editora Brito, 2011.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. *Oligarquias e elites políticas no Piauí: 1982-1994*. Dissertação de mestrado em Ciências Políticas, UNICAMP, 1999.

ARAÚJO, Maria Celina D'; Soares, Gláucio Ary Dillon; Castro, Celso. *Visões do golpe: amemória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BERSTEIN, Serge. *A Cultura Política*. In. : Para uma história cultural. RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. Editorial Estampa: Lisboa, 1998, p. 349 – 363.

BRANDÃO, Wilson Nunes. *Mitos e lendas da política piauiense*. Teresina, 2006.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 2.ed., 4.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

- FERREIRA, Jorge. O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura popular 1945-1964. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2005.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USO: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 24.nº.47, p.29-60, 2004.
- GASPARI, Elio. *Coleção Ditadura*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- GRINBERG, Lucia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2006.
- KRUEL, Kenard e SANTOS, Gervásio. *História do Piauí*. Teresina: Halley. Zodíaco, 2009.
- KUCINSKI, Bernardo. *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Contexto, 2001.
- LAVÔR, Osvaldo. *Poesias & Políticos*. 2º Ed. Gráfica e Editora Brito. Picos, 2006.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.
- MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. 2º Ed. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- PASQUALI, Alberto. *MDB em Ação nos Municípios*.
- POLLACK, Michel. Memória e Identidade. *Revista de Estudos Históricos*. Vol. 02, n. 3, p. 3-13, 1989.
- SKIDMORE, Thomas. *De Castelo a Tancredo (1964-1985)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon. *A Democracia Interrompida*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- SOUZA, Elízio Serafim. *Relatos e reminiscências: meu Piauí querido*. 2. Ed. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2005
- TAVARES, Flávio. *O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1992.